

Brasil

Economia - Brasil

Conjuntura IBGE apurou retração de 5,1% em maio sobre abril e de 1,2% em 12 meses

Produção industrial despenca e projeta queda por todo o ano

Vera Saavedra Durão
Do Rio

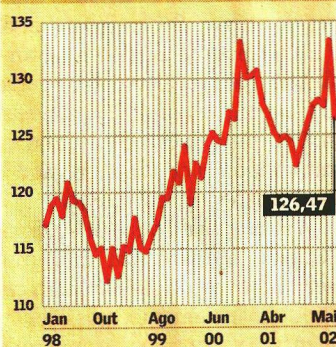
O forte declínio da produção industrial em maio, de 5,1% ante abril, segundo o IBGE — a maior queda nesta comparação desde maio de 1995 — deverá se aprofundar até dezembro face a mudança drástica do ambiente econômico, avalia o economista Francisco Eduardo Pires de Souza, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que já trabalha com uma projeção de produto interno bruto (PIB) de 1,6% para este ano.

A atividade industrial piorou em relação a toda a base de comparação. Recuou 1,9% ante maio de 2001, foi negativa em 0,3% no acumulado do ano e caiu 1,2% em 12 meses. O índice de média móvel trimestral, que indica tendência, apresentou o primeiro recuo do ano, de 0,4%.

Para Souza, este foi o dado que acendeu a luz vermelha. "Isto é o que estávamos esperando. A recuperação da indústria começou em novembro e houve crescimento até abril. Mas, nossa expectativa é que as fábricas comecem a desacelerar a partir de maio em razão dos altos juros futuros, da alta do câmbio e da restrição ao crédito. A queda da renda é mais um ingrediente indigesto neste cenário onde a produção da indústria deve cair mais. Se esta instabilidade se prolongar até o começo do próximo mandato presidencial vai comprometer também o crescimento em 2003", pressagiu.

O Boletim de Conjuntura do IE, coordenado por Souza, está trabalhando com intervalo de projeções para o desempenho da indústria em geral (extrativa e indústria de transformação) este ano entre 1% a 2%, dadas as incertezas da situação. "Se a produção declinar 2% de maio a dezembro ante o pico de produção que foi em março/abril a produção industrial crescerá só 1% ante a média de 2001".

Produção física industrial
Média de 1991 = 100



Fonte: IBGE e Valor Pesquisa Econômica

Um alto executivo do setor elétrico adiantou que os investidores de geração e distribuição já estão segurando seus projetos de expansão ou novas usinas para o ano que vem. "Os investimentos do setor estarão este ano 40% abaixo dos US\$ 4,5 bilhões", revelou. Segundo o interlocutor, houve uma parada nos investimentos em térmicas no que diz respeito a geração de energia dada a disposição da Petrobras de rever o programa. No caso das distribuidoras, houve uma boa suspensão de investimentos enquanto se aguardava o acordo com o BNDES que está saindo agora. Para agravar a situação, o consumo de energia não está correspondendo as expectativas e travou em níveis inferiores aos de antes do racionamento.

Os dados do IBGE confirmam este quadro. O setor de material elétrico e de comunicações apresentou redução de produção de 8,9% ante abril e de 16,8% ante maio do ano passado.

A contração na indústria atingiu a maioria das categorias de uso. Os bens duráveis tiveram taxa negativa de 12,9% ante abril e 9,7% ante maio do ano passado, com impacto dos automóveis que caíram 21,5%. No BNDES, as informações são de que as intenções de investimento do setor automobilis-

tico não decaíram. Há muitos projetos envolvendo novos modelos de carro que exigem investimentos significativos, como o novo Polo da Volkswagen, o novo Fiesta da Ford e um protótipo que vem sendo desenvolvido pela Fiat. Mas, são intenções de investimento que não se concretizarão no curto prazo. O esforço do governo é tentar aumentar a capacidade de exportar das montadoras, contou uma fonte do banco.

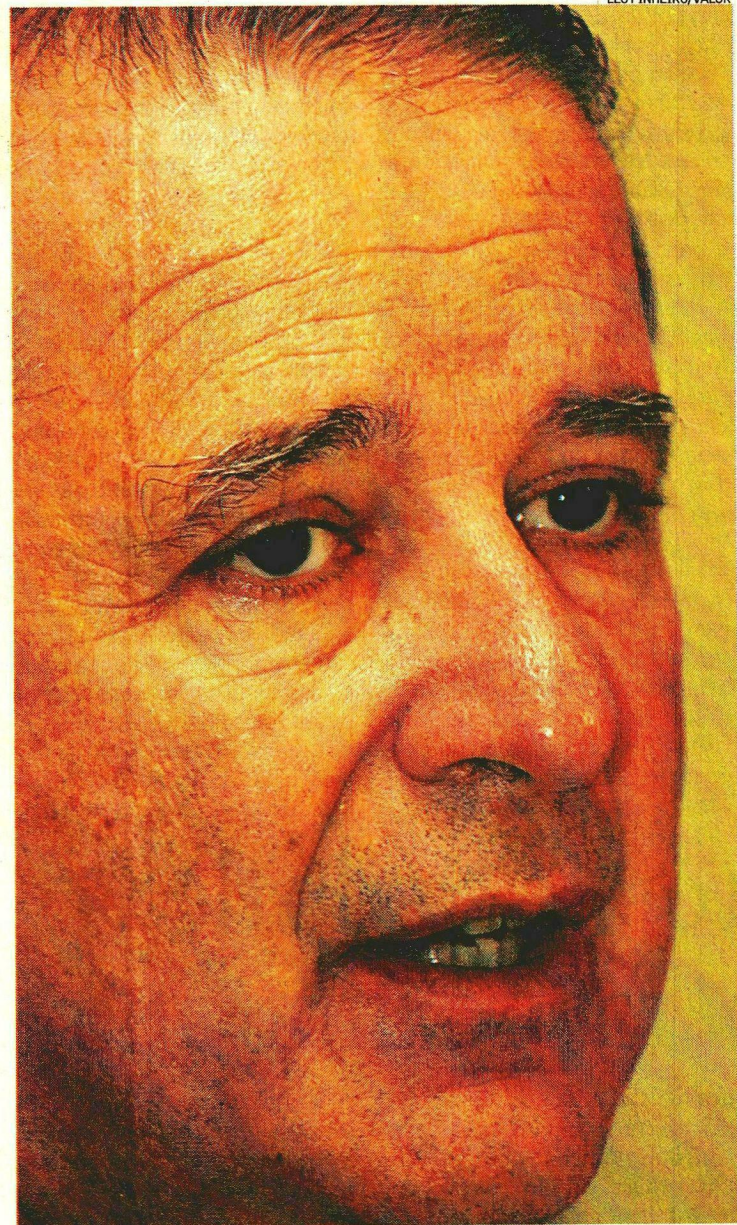
Também tiveram queda de 9,7% ante abril e 5,9% ante maio a categoria dos bens de capital, apesar da expectativa da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) trabalhar com uma previsão de crescimento da produção para este ano ante 2001 de 6% a 8%.

Os bens não duráveis também reduziram a produção em 8% ante abril e 1,9% ante maio de 2001. A indústria de alimentos teve queda de 5,7% na comparação com abril, mas Sílvia Salles, diretora da área de indústria do IBGE, contou que este segmento apresentou desempenho melhor em maio do que o resto da indústria, impulsionado pela safra de grãos.

Salles destacou que a extrativa mineral com destaque para a produção de petróleo, tem sido a exceção numa conjuntura desfavorável a produção industrial. Ele chamou a atenção para o fato de que a indústria de transformação, sem a extrativa mineral, teve queda de 6,4% na produção em maio ante abril. "A área dinâmica tem sido de petróleo e gás, que cresceu 22,9% ante maio de 2001 e de janeiro a maio acumulou aumento de produção de 14%".

Confiante em uma conjuntura internacional mais favorável no segundo semestre, o ministro do Desenvolvimento, Sérgio Amaral, prevê um crescimento de 2% da economia brasileira neste ano.

Ressaltando que ainda não havia



Amaral: "crescimento da economia mundial continuam a indicar cenário melhor"

visto os números do IBGE, destacou que, embora "dados sazonais" apontem um nível de atividade fragilizado, "existem também estimativas de crescimento da economia mundial que continuam a indicar um cenário melhor".

Amaral avaliou que o bom desempenho fiscal e a diminuição do déficit

em conta corrente — resultado de superávits comerciais mais robustos — abrem caminho para a redução das taxas básicas de juros. "Temos boas condições de caminhar para uma queda dos juros", afirmou. Ele preferiu, no entanto, não fazer previsões de quando isso poderá acontecer.

Colaborou Daniel Rittner, de Brasília